

Expressões do feminino na Bíblia

Luísa Maria Almendra

Existe uma expressão muito querida à tradição rabínica *Torah horah* («A Escritura é/está grávida»); uma expressão bem sugestiva de uma compreensão da Bíblia, não como um livro repleto de palavras, sufixos ou pronomes no feminino e masculino; mas um livro que na sua essência é semelhante a um “útero”, que numa indizível intimidade, gera os seus leitores para a luz e a vida.¹ Esta perceção questiona vigorosamente uma cultura que, fixa na materialidade da letra, olhou sempre para a Bíblia como um monumento de um pensamento patriarcal, que valoriza, fundamentalmente, a ação masculina, na figura dos seus grandes líderes e heróis (Abraão, Isaac, Jacob, Moisés, David...). Esta perceção rabínica Bíblia como um útero não só denuncia o olhar superficial desta cultura, como nos desafia a uma atitude nova de aprender a sondar a interioridade do texto e da palavra, que se projeta continuamente num horizonte de vida. Enquanto um livro de vida, as Escrituras / ou Bíblia serão sempre um lugar onde o masculino e o feminino apelam a uma verdade que nos surpreenderá constantemente. Por isso, não nos deixemos enredar nas redes da superficialidade. A expressão do feminino, nas Escrituras / Bíblia está bem mais viva e participante do que frequentemente nos parece a nós próprios ou o que outros nos fazem crer.²

Neste sentido, gostaria de vos apresentar algo um pouco diferente dos discursos habituais que, normalmente, alternam entre um feminino que se afirma na sua simples normalidade ou negatividade, ou ainda numa espécie de adulação, a meu ver um pouco estranha... Vou tentar apresentar-vos uma síntese, capaz de delinear alguns dos traços da expressão do feminino na Bíblia; traços que possam ajudar-nos a nos direcionarmos para o âmago do mistério (*mustérium* – desígnio salvífico) que esta expressão – o feminino na bíblia - abarca.

¹ Cf. A. WENIN, *Vives femmes de la Bible* (Le Livre et le rouleau, 29 ; Lessius ; Bruxelles 2007) 7.

² Cf. C. CHALIER, *Les matriarches. Sarah, Rebecca, Rachel et Léa* (Cerf ; Paris 2010)7-8.

Ao relermos o texto Bíblico, parece-nos que o tempo narrativo confina a expressão do feminino à sombra de um protagonismo masculino, que tende a assumir sempre o controlo das diferentes situações (religiosas, sociais, políticas...). No entanto, não são poucas as circunstâncias em que, na Bíblia, as mulheres, na sua força de contornos bem femininos, assumem opções que determinam o futuro de um povo ou de um grupo. Determinadas e prontas a defender a vida, muitas delas mostram saber bem o que devem fazer para evitar enredar-se nos impasses da injustiça e da violência. Podemos evocar, este propósito Sifra e Pua, duas mulheres simples, que ousam recusar-se obedecer a um Faraó, em nome de uma obediência ao Deus da vida. São inúmeras as situações em que a narrativa bíblica não esconde uma audácia inesperada, uma grandeza de alma e uma singular capacidade de ponderação feminina que não tem outros paralelos. Disso constituem um belo exemplo a juíza e profetiza Débora, a rainha Esther, Rute, a mulher simples de Moab; e virando a página para as Escrituras cristãs: Maria de Nazaré, Maria Madalena, Maria de Betânia, Priscila, Lídia... Entre tantas outras.

Neste sentido, as expressões de feminino na Bíblia atravessam a narrativa como uma presença bem viva e atuante. As suas palavras e os seus gestos abrem-se a todas as dimensões e sentidos do humano-divino, reproduzindo-se como palavras e gestos inesperados ou inauditos.³ Das quais gostaria de salientar as palavras da escrava de Sara, Hagar, que depois da conversa com o mensageiro divino reconhece Deus como « אֱלֹהֵי אֲדָמָה » («o Deus que me vê» Gn 16,13); as palavras de Hannah, que ao entregar o filho Samuel (Shemu'el = Deus da escuta), balbucia o primeiro magnificat עֲלֶזְלָה לְבַי בְּיְהוָה das Escrituras («Exulta o meu coração no Senhor» 1Sm 2,1); e como não associar aqui, as palavras incisivas da mulher sirofenícia, que insiste dizendo a Jesus «Senhor, mas também os cachorrinhos comem das migalhas que caem da mesa dos seus donos» (Mt 15,27); e lembrar ainda, o pensamento e o gesto da mulher, sem nome, que no seu desespero apenas acredita que bastará tocar o manto de Jesus para ficar curada (Mc 5,28) e da mulher que era conhecida como pecadora, e no entanto, não teme colocar-se aos pés de Jesus, lhe regar os pés com as suas lágrimas e os enxugar com os seus cabelos (Lc 7,44). Palavras e gestos inesperados e inauditos numa cultura, que ainda hoje prevalece em muitos aspetos e lugares...

³ Cf. C. CHALIER, *Les matriarches. Sarah, Rebecca, Rachel et Léa* (Cerf ; Paris 2010) 9.

Entre a multiplicidade de estudos que nos podem ajudar a uma reflexão séria, situam-se os livros de Catherine Chaliel (católica francesa convertida ao judaísmo, professora de filosofia, e grande especialista da obra de Emmanuel Levinas, autora de inúmeras obras sobre os laços entre o pensamento hebraico e a filosofia). Nos seus estudos encontramos bem expressa a recusa de todas as formas de encarcerar o feminino numa condição que separe a mulher do destino mais alto de todo o ser humano, reservado à virilidade.⁴ Nomeadamente, a recusa a uma tendência de confinar a expressão do feminino na Bíblia à mulher do espaço interior, da intriga amorosa, ou até mesmo do eterno feminino... A sua proposta desafia-nos à perceção de um feminino pleno, que a Bíblia nos desvela numa extraordinária capacidade de saber existir não para si, mas de ser para o outro, numa quase inabarcável capacidade de amar.

É neste sentido que Catherine Chaliel avalia as grandes matriarcas de Israel: Sara, Rebeca, Raquel e Lea, que na fragilidade e na força da sua existência, desempenharam num papel crucial numa História Salvífica de Eleição e de Aliança. Ninguém como elas soube vigiar e a realização desta Aliança e ninguém como elas nos obriga a pensar no pleno sentido desta Aliança entre deus e a humanidade, quando nos atrevemos a reler as linhas e entrelinhas da sua vida, das suas escolhas e dos seus compromissos. Por isso, compreendemos que C. Chaliel defenda a que para compreendermos a expressão do feminino na Bíblia, não basta sublinhar o ser de mulher, de mãe, ou de esposa, mas de apreender como e porquê estas e outras mulheres, foram escolhidas para assumir a imensurável responsabilidade de resguardar uma Aliança, que é dom e fundamento da relação entre Deus e Israel, entre Jesus Cristo e a sua Igreja.⁵

Nesta linha de pensamento ocorre situar, também, o contributo importante de Imtraud Fischer (vice reitora da universidade de Graz – Áustria, professora titular de AT, presidente da Associação germânica para o estudo do AT e coautora de uma enciclopédia internacional de 22 volumes com o nome «A Bíblia e as mulheres»). Num dos seus estudos publicado sob o nome *Des femmes aux prises avec Dieu*, ela não teme afirmar e

⁴ Cf. C. CHALIER, *Figures du féminin. Lecture d'Emmanuel Lévinas, La nuit surveillée* (Ed. Verdier ; Paris 1982): «Les mères d'Israël dans leur féminité seraient l'avènement même dans l'être de cette responsabilité, ou, du moins déjà rupture de l'être par cette bonté...».

⁵ Cf. C. CHALIER, *Les matriarches. Sarah, Rebecca, Rachel et Léa* (Cerf ; Paris 2010) 14 ; J. MURPHY-O'CONNOR – C. MILITELLO – M. LUISA RIGATO, *Paolo e le donne* (Cittadella Editrice ; Assisi 2006).

demonstrar o modo como as mulheres fundadoras do povo de Israel e da dinastia davídica integram uma compreensão da história das origens de Israel que respeita a dualidade sexual.⁶ Sara é com Abraão parte integrante na realização da promessa (Gn 12-23); Rebeca é a mulher forte que decide e protege o seu esposo Isaac (Gn 24-28); Raquel e Lea, as duas grandes fundadoras da casa de Israel, são o motivo pelo qual Jacob serve Labão duas vezes 7 anos, e para que a promessa perdure as duas lutam com Deus pelo amor do seu esposo e a fertilidade do seu ventre (Gn 29-32).

O contributo de Irmtraud Fischer prolonga-se no seu interesse pelo papel relevante das mulheres profetas e no conceito de profecia que lhes corresponde. Este interesse expande-se numa pesquisa, onde a expressão do feminino na Bíblia se realiza num agir sábio.⁷ Situa-se neste âmbito, o agir sábio de mulheres como Abigail. A sua força de espírito e o seu brilhante bom senso sobrepõem-se perante a fragilidade moral do seu esposo (1Sm 25,3).⁸ Ao contrário do seu esposo (Nabal), Abigail sabe se comportar e dirigir àquele de quem a sua prosperidade e toda a sua casa depende (David). Magnânima na gestão dos seus bens, a sua mão não é como a do seu marido, não faz presentes, dá o que é necessário e ainda o supérfluo; sabe julgar com justiça e deixar-se instruir por quem não o é (1Sm 25,23-35). Podemos, ainda evocar, a mulher prevenida de Téqoa; uma mulher inteligente, chamada a uma missão delicada (2Sm 14); a mulher sábia de Abelbet-Maaka, dotada de uma inteligência pacificadora (2Sm 20,13-22); a rainha de Saba, uma das mulheres sábias mais conhecidas do AT, que não teme colocar à prova a sabedoria do grande rei sábio Salomão (1Rs 10,1-10).

Estas mulheres dotadas de um agir sábio não estão sós. A expressão do feminino na Bíblia é suficientemente amplo e rico para abrigar um grupo significativo de mulheres que souberam viver em função de uma sabedoria de conselho. Estão entre elas Ester, Judite e Débora, autênticas mestras da Torah (Jz 4,4-10; Jud 11,5-7; Est 7,1-10). Na maioria dos casos, o conselho destas mulheres foi considerado como digno de atenção,

⁶ Cf. I. FISCHER, *Des femmes aux prises avec Dieu. Récits bibliques sur les débuts d'Israël* (Lire la Bible ; Cerf ; Paris 2008).

⁷ Cf. I. FISCHER, *Des femmes messagères de Dieu. Prophètes et prophétesses dans la Bible hébraïque. Pour une interprétation respectueuse de la dualité sexuelle* (Lire la Bible ; Cerf ; Paris 2008) ; ID., *Femmes sages et dame Sagesse dans l'Ancien Testament. Des femmes conseillères et éducatrices au nom de Dieu* (Lire la Bible ; Cerf ; Paris 2008).

⁸ Cf. I. FISCHER, *Gender-faire Exegese. Gesammelte Beiträge zur Reflexion des Genderbias und seiner Auswirkungen in der Übersetzung und Auslegung von biblischen Texten* (Munster 2004) 154-160; 186-198.

por aqueles que as escutaram. Porém, existem alguns casos em que o conselho de algumas mulheres aparece como enigmático, como o da mulher de Job que como ele recebe as notícias do desastre que assombra a sua casa e a sua família e aconselha Job a bendizer / maldizer a Deus e a morrer (Jb 2,9).⁹ E não podemos nem devemos omitir o conselho ambíguo das mulheres que são incapazes de estabelecer uma distância em relação aos seus desejos. É o caso de Zarés, esposa de Aman, que cega pela sua ambição julga insuportável que alguém ouse recusar render honra ao seu esposo (Est 5–6); de Atalia a mãe que aconselha o filho a fazer o mal (2Cr 22,2-5); ou, ainda, de Jezabel, esposa de Acab, que sob o seu conselho e ordem obriga os anciãos e notáveis da cidade a matar Nabot para poder tomar a sua vinha, que o seu esposo tanto desejara (1Rs 21,8-16).

É neste contexto narrativo de sabedoria, que a expressão do feminino na Bíblia atinge um vértice inesperado na figuração feminina da sabedoria. Basta nos abirmos à leitura de algumas páginas do Livro dos Provérbios, Ben Sira e Sabedoria, para vermos de imediato erguer-se um rosto que nos surpreende pelos seus inúmeros traços femininos. A sabedoria assume a figuração de uma mulher, descrita como uma jovem, uma irmã, uma mãe, uma educadora e guia, companheira noiva e esposa.

*Eu a amei e busquei desde a minha juventude, procurei tomá-la por **esposa** e enamorei-me da sua formosura... Por isso resolvi tomá-la por **companheira** da minha vida sabendo que ela será para mim **conselheira** do bem e consolo nas preocupações e nas tristezas (Sb 8,2) Diz á sabedoria: «Tu és minha **irmã**» e chama à inteligência tua parente. (Pr 7,4); Não abandones a sabedoria e ela te guardará, ama-a e ela te protegerá...Tem-na em grande estima e ela te exaltará, glorificar-te-á se a abraçares. (Pr 4,6.8); Assim faz aquele que teme o Senhor; o que se dedica à lei possuirá a sabedoria. Ela virá ao seu encontro como uma **mãe** e o acolherá como uma **esposa virgem**. (Sir 15,1-2).*

Juntam-se a estes textos muitos outros onde a sabedoria aparece como uma mulher que *clama nas ruas, eleva a sua voz nas praças, grita por sobre os muros, faz ouvir a sua voz à entrada das portas da cidade* (Pr 1,20-21), falando de si e convidando a uma procura semelhança à do amado e da amada do Livro do Cântico dos Cânticos

Feliz aquele que se aplica à sabedoria... vai atrás dela como quem lhe segue o rasto e permanece nos seus caminhos, olha pela janela a sabedoria e escuta às suas portas; detém-se junto da sua morada e fixa um prego nas suas paredes; levanta a sua tenda junto dela

⁹ CF. I. FISCHER, *Femmes sages et dame Sagesse dans l'Ancien Testament. Des femmes conseillères et éducatrices au nom de Dieu* (Lire la Bible ; Cerf ; Paris 2008) 111-123.

e estabelece ali agradável morada. (Sir 14, 20.22-25); Vou levantar-me e dar voltas pela cidade, pelas praças e pelas ruas, procurarei aquele que o meu coração ama. (Ct 3,2) Cresci como a palmeira de Ein-guedi, como roseiras de Jericó, como uma formosa oliveira na planície, cresci como plátano... (Sir 24,14); És um jardim fechado, minha irmã e minha esposa... os teus rebentos são um pomar de romãzeiras com frutos deliciosos, com alfenas e nardos, nardo e açafraão, cálamos e canela, com toda a espécie de árvores de incenso, mirra e aloés. (Ct 4,12-14)

Anne-Marie Pelletier professora francesa estudiosa de hermenêutica e exegese bíblica, que também se dedicou à questão da mulher no cristianismo e da Igreja, autora de “O cristianismo e as mulheres - Vinte séculos de história”, e “O sinal da mulher” e a primeira mulher a receber o prêmio Cardeal Ratzinger, fala-nos de uma expressão de feminino, na sabedoria bíblica, como um traço profético de Salvação, onde o mistério clarifica progressivamente o seu caminho.¹⁰ Na interioridade misteriosamente geradora de vida, que corre nas veias das simples imagens femininas de irmã, mãe, amiga, mulher, afiança-se a presença de um feminino que precede o ser humano, na sua forma de homem ou mulher; um feminino que não interfere com a diferença de sexos, tal como ele emerge na tradição bíblica com criação do homem e da mulher, mas antes a excede de um modo único e arrebatador.

Os autores do Novo Testamento quiseram reafirmar esta expressão de feminino da sabedoria bíblica na figura feminina da Igreja, tal como o Livro do Apocalipse a descreve nos capítulos 12 e 21. No fim dos tempos, será de novo “ELA”, como um sinal do céu, quem destruirá as forças do mal (Ap 12,1); que opondo-se à grande prostituta, assumirá a figura de uma “noiva adornada para o seu esposo” (Ap 21,2). O feminino que estava junto de Deus na criação (Pr 8) estará de novo no fim dos tempos; os tempos da nova criação, do novo céu e da nova terra (Ap 21,1-4); o tempo de Cristo, que Paulo descreve como o tempo em que «... não há judeu nem grego; não há servo nem livre; não há macho nem fêmea; porque todos vós sois um em Cristo Jesus» (Gal 3,28).¹¹

¹⁰ PELLETIER, ANNE-MARIE, «La Sagesse au féminin dans la Bible. Un repérage de la question», in *La sagesse biblique de l’Ancien au Nouveau Testament*, Actes du XV^e Congrès de l’ACFEB, Paris 1995, 197-207.

¹¹ Esta inesperada e solene referência ao feminino no último livro da Bíblia, assume uma importância notável, principalmente se recordarmos a circunspeção com que os textos sinópticos se referem aos “últimos tempos”, falando apenas de um tempo em que o homem e a mulher não se tomarão um ao outro (Mt 22,23-33; Mc 12,18-27; Lc 20,27-40); cf. J.M.-O’CONNOR – C. MILITELLO – M.L. RIGATO, *Paolo e le donne* Orizzonti Biblici; Citadella Editrice; Assisi 2006).

A verdade é que na Bíblia, o feminino e o masculino nunca são apenas uma realidade física. Na Bíblia, o humano e o divino estão sob um horizonte de revelação, e sob de uma plenitude que os atinge no âmago, no coração do coração. No interior de uma Sara que sai da sua terra com Abrão, inaugura-se um caminho de risco e de fadiga que não se sabe onde levará. É um caminho que a leva para fora e para dentro; um caminho que a leva a tornar-se plenamente aquilo que é: mulher de Abrão e lugar de realização da promessa (Gn 12,1). Ela será o grande paradigma de um feminino que estará sempre no caminho de realização da promessa e da salvação. Depois dela, a narrativa bíblica e a História da salvação insistem na persistência de um caminhar feminino.¹² Miriam a profetiza do êxodo, guia o povo pelo caminho do deserto com Moisés (Ex 15,20-21). Noémi reencontra com Rute, a sua nora, o caminho de regresso a Judá (Rt 1,1-22). A mulher enamorada do Cântico dos Cânticos desafia os caminhos sinuosos do deserto, para procurar o amado (Ct 3,6). Maria de Nazaré fia-se nas palavras do anjo, e coloca-se de imediato a caminho, dirigindo-se apressadamente a uma cidade de Judá (Lc 1,39). Maria, chamada Madalena, Joana, a mulher de Cuza, Suzana e várias outras, seguiam Jesus nos caminhos da sua pregação (Lc 8,1-3). Febe, Prisca e Júnia estão entre as muitas mulheres que Paulo cita e reconhece no seu infatigável e generoso contributo nos caminhos percorridos no anúncio da Palavra do Evangelho (Rm 16,1-16). Tal como Sara este caminhar move-se e sustém-se numa realidade maior que é a plenitude do ser e de um desígnio de vida de Deus no humano: algo que os autores bíblicos souberam apenas balbuciar nas palavras:

«Deus criou *'adam* à sua imagem, à imagem de Deus ele o criou,
homem e mulher ele o criou.» (Gn 1,27)

¹² Cf. E. BOSETTI, *Donne della Bibbia. Bellezza, intrighi, fede, passione* (Orizzonti Biblici; Citadella Editrice; Assisi 2010).